

À ESQUERDA OU À DIREITA? TENTANDO DECIFRAR A IDENTIDADE IDEOLÓGICA DOS ESTUDANTES DA UFPEL

MARTINA MARTINS PEREIRA¹; ÁLVARO AUGUSTO DE BORBA BARRETO²;
LORENA ALMEIDA GILL³

¹Universidade Federal de Pelotas – martina.martins94@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – albarret.sul@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Como bem disse COMPARATO (2014), ao fazer alusão à célebre frase que introduz o Manifesto do Partido Comunista, “Um espectro ronda a Europa, o espectro da intolerância e do fascismo”. Infelizmente, este fenômeno não é um privilégio europeu. Assistimos ao avanço da direita, nos EUA, a partir da vitória de Donald Trump nas últimas eleições e, mais recentemente, através da manifestação do grupo Ku Klux Klan – legitimada pelo estado da Virgínia, que alegou se tratar de um ato de liberdade de expressão – em oposição à remoção da estátua de Robert Lee, general confederado que era a favor do sistema escravocrata. Assistimos ao avanço da direita, na Argentina, com a vitória eleitoral de Mauricio Macri do partido Proposta Republicana (PRO), e, no Peru, com a de Pedro Pablo Kuczynski do partido Peruanos por el Cambio (PPK). No Chile, Sebastián Piñera, candidato independente que esteve ligado ao partido Renovação Nacional (RN) até 2010, lidera as pesquisas eleitorais. E em Honduras, quem está à frente nas pesquisas é o atual presidente Juan Orlando Hernández, político de direita ligado ao Partido Nacional (PN).

No Brasil, desde que se instituiu a Nova República, período que sucedeu o término do regime civil-militar, a direita se encontrava em estado de latência (ABREU; ALLEGRETTI, 2016), o qual, segundo RIVAROLA (2008, apud BABIRESKI, 2014, p. 12), é fruto do histórico deixado pelo período ditatorial brasileiro e do fracasso das políticas neoliberais dos anos 1990. Devido a esse estigma em relação à direita no Brasil, pesquisas de opinião realizadas no Congresso Nacional, em 1990, apontam que os parlamentares relacionados a esse espectro político costumavam a se identificar como de centro (MAINWARING; MENEGELLO; POWER, 2000, apud KAYSEL, 2015, p. 49).

O cenário mudou a partir das manifestações de junho de 2013, quando os atos perderam sua conotação popular, que exigia a redução do custo e a melhoria na qualidade do transporte público, e adquiriram a aparência da classe média brasileira, que entoava as manifestações aos gritos de “*não é por vinte centavos*” e “*sem partido político*” (ABREU; ALLEGRETTI, 2016). Em março de 2014, eclodiram para o público brasileiro as atividades da Operação Lava Jato por meio dos principais veículos de informação, que deram grande destaque ao Partido dos Trabalhadores (PT), de forma a alimentar o antipetismo entre o povo brasileiro que percebia o partido como o grande responsável pela má gestão político-econômica do país (SOUZA, 2016).

Desta forma, o antipetismo possibilitou a ascensão da direita na política brasileira, mas este não foi o único fator. Além do antipetismo, fatores de ordem moral também impulsionaram o levante da direita. Segundo QUADROS (2015), os políticos evangélicos têm crescido progressivamente no espaço político, principalmente na Câmara dos Deputados.

Como apresentam CODATO; BOLOGNESI; ROEDER (2015) na obra “*Direita, volver!*”, desde 2014 a direita cresce dentro do Parlamento brasileiro, contrariando a progressiva queda no número de deputados presentes na Câmara, que datava desde 1998. Mas este fenômeno não se passa somente dentro do Parlamento. O *Latinobarómetro*, uma organização sem fins lucrativos que realiza pesquisas de opinião pública na América Latina, registrou que, em 2016, 28% dos cidadãos se localizam à direita contra 20% dos que se localizam à esquerda da escala política esquerda-direita. Esse aumento é registrado pelo quarto ano consecutivo, sendo que, em 2011, 19% dos respondentes se localizavam à direita.

Segundo SINGER (2000), a respeito da identidade ideológica, mesmo que intuitivamente, os cidadãos conseguem se autolocalizar no contínuo esquerda-direita e, deste modo, expressar a sua inclinação política. O *Latinobarómetro* aponta que, em 2016, 84% dos entrevistados se autolocalizavam no contínuo esquerda-direita.

A presente pesquisa se apóia na distinção de esquerda-direita proposta por BOBBIO (1995). De acordo com o autor, após examinar diferentes perspectivas sobre o que distingue a direita da esquerda, o conceito de igualdade perpassa todos os argumentos observados, sendo o único critério que perdura na passagem do tempo. Deste modo, “[...] a distinção entre esquerda e direita refere-se ao juízo positivo ou negativo sobre o ideal da igualdade [...]”. O conceito de igualdade, assim como de direita e de esquerda, é relativo e, segundo Bobbio, relativo ao menos em três partes: igualdade entre quais sujeitos, em relação ao que será compartilhado e, por último, sobre quais critérios os repartir. O igualitário parte do pressuposto que as desigualdades são produtos sociais e, portanto, podem ser extinguidas, já o inigualitário parte do pressuposto contrário e sustenta que as desigualdades são naturais e não podem ser extinguidas. Ao se reportar ao passado, o autor indica que a esquerda está relacionada a movimentos que almejam tornar mais iguais os desiguais enquanto a direita, por não crer em mudanças sociais, esteve mais inclinada a movimentos que creem naquilo que é segundo à natureza, à cultura, à tradição, ao passado.

Partindo desses pressupostos e do reconhecimento de que o conteúdo ligado à agenda da direita política é uma ameaça aos direitos humanos e às políticas públicas que visam reduzir as desigualdades, a presente pesquisa tem como objetivo realizar uma sondagem a respeito da recepção dos alunos vinculados a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) acerca do avanço da direita no país a partir do posicionamento dos estudantes frente a temas de interesse público que estão em voga e da sua autolocalização no contínuo esquerda-direita.

Esta pesquisa integra o conjunto de atividades exercidas no Programa de Educação Tutorial (PET) Diversidade e Tolerância, orientado pela professora Doutora Lorena Gill. O presente estudo também conta com a orientação do professor Doutor Álvaro Barreto, cientista político vinculado à UFPEL.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa será conduzida por uma abordagem quantitativa e o método empregado será a pesquisa *survey*. Utilizamos como critério de seleção os alunos vinculados às modalidades de bacharelado, licenciatura e ensino tecnológico da UFPEL. A partir do Núcleo de Informações (NINFI), foi verificado quantas unidades acadêmicas compõem a universidade, quais são elas, quais cursos estão vinculados às unidades e a população de estudantes de cada

unidade no segundo semestre letivo de 2017. Com base nessa informação, foi realizado um sorteio entre as unidades acadêmicas da UFPel, a partir da função “aleatório entre” do aplicativo Excel, o qual sorteou a unidade da Faculdade de Administração e Turismo, que possui uma população de 788 alunos. Em seguida, foi calculada a amostra, que contém 5% de erro amostral e 95% de confiabilidade, totalizando uma amostra de 259 discentes.

Utilizaremos o critério da amostragem não probabilística para a aplicação dos questionários, de modo que entraremos em contato de forma acidental com os docentes na unidade e solicitaremos permissão para distribuir os questionários entre os alunos que aceitarem participar da pesquisa em sala de aula.

O conjunto de dados coletados será reunido com o auxílio do software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) e, a partir dele, serão realizadas as análises descritivas e inferenciais da amostra. O presente estudo visa cobrir outras unidades da UFPel durante o segundo semestre letivo de 2017, de modo a conhecer o perfil de alunos de outros cursos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa ainda não possui resultados, pois está em fase de execução e até o momento foi realizada a revisão de literatura, o levantamento da população junto ao NINFI para a realização do cálculo amostral, definido os critérios de coleta e a construção do questionário. Por hora, podemos apresentar as hipóteses que o estudo pretende verificar. A partir da descrição dos dados será possível caracterizar o público entrevistado em relação ao curso, ao ano de ingresso na universidade, se ingressou a partir do sistema de cotas, se é bolsista dos programas fornecidos pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, a identidade de gênero, a faixa etária a qual se inclui, a renda familiar e a autolocalização no contínuo esquerda-direita. Por meio da análise inferencial será possível verificar cada uma dessas variáveis em relação à última citada, à identidade ideológica, e constatar qual delas está mais vinculada aos conteúdos ideológicos da esquerda e da direita, e posteriormente verificar se a identidade ideológica está de acordo com o posicionamento dos alunos frente às questões de interesse público que estão em pauta no governo.

4. CONCLUSÕES

Como dito anteriormente, a presente pesquisa não possui resultados e, conseqüentemente, não possui conclusões. O próximo passo do trabalho será submeter o questionário a teste para que se possa ajustar qualquer falha no instrumento de coleta antes do grupo de pesquisa, composto por cinco petianos e dois alunos vinculados à UFPel que auxiliam a pesquisa de forma voluntária, sair a campo efetivamente. Posteriormente, será alimentado o banco de dados com as informações coletadas que serão analisadas de forma descritiva e inferencial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J.M.; ALLEGRETTI, G. Comportamento político violento e avanço global da direita: uma análise do caso brasileiro. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**, Uberlândia, v.6, n.2, p.88-121, 2016.

BABIRESKI, F.R. **A direita no Brasil, Chile e Uruguai: estudo dos programas e manifestos partidários**. 2014. 114f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-graduação de Ciência Política do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

BBC Brasil. **As estátuas que dividem os Estados Unidos e provocam confronto**. BBC Mundo Nova York, 15 ago. 2017. Internacional. Acessado em 03 out. 2017. Online. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40942184>.

BBC Brasil. **Porque 2017 pode consolidar a guinada à direita na América Latina**. BBC Mundo Nova York, 08 jan. 2017. Internaciona. Acessado em 03 out. 2017. Online. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38529523>

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda: razões e significados de uma distinção política**, São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1995.

CODATO, A.; BOLOGNESI, B.; ROEDER, K.M. A nova direita brasileira: uma análise da dinâmica partidária e eleitoral do campo conservador. In: CRUZ, S.V; KAYSEL, A; CODAS, G. **Direita, volver!: O retorno da direita e o clico político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. Cap.5, p.115-143.

COMPARATO, B.K. Uma direita radical no Brasil?. In: **IX ENCONTRO DA ABCP**, Brasília, 2014. Acessado em 04 out. 2017. Online. Disponível em: <https://cienciapolitica.org.br/system/files/documentos/eventos/2017/03/direita-radical-brasil-471.pdf>

KAYSEL, A. Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. In: CRUZ, S.V; KAYSEL, A; CODAS, G. **Direita, volver!: O retorno da direita e o clico político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. Cap.2, p.49-74.

LATINOBARÓMETRO. **Informe Latinobarómetro 2016**. Banco de datos en línea, Santiago, 02 set. 2016. Novedades. Acessado em 03 out. 2017. Online. Disponível em: <http://www.latinobarometro.org/latNewsShow.jsp>

QUADROS, M.P.R. **Conservadorismo à brasileira: sociedade e elites políticas na contemporaneidade**. 2015. 273f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SINGER, A.V. **Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994**. São Paulo: Edusp, 2000.

SOUZA, C.A. Antipetismo e ciclos de protestos no Brasil: uma análise das manifestações ocorridas em 2015. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.8, n.3, p.35-51, 2016.